

QUESTÕES DE POLÍTICA AGRÍCOLA

Preço Teto do Café:— Se o Governo deve ou não intervir em favor da elevação do preço teto americano é questão que vem empolgando os meios agrícolas de São Paulo. Não se trata de assunto que diz respeito ao nosso principal produto de exportação, como também, por ser a primeira vez entre nós que uma organização de classe, se manifesta publicamente contra a elevação do preço de um produto agrícola.

Ainda que estranha, tal atitude encontra apoio em dois argumentos. Um deles refere-se ao caráter passageiro da presente escassez do café, pois, com o plantio a se processar no norte do Paraná, em ritmo de grande intensidade, e, além disso, com a possibilidade das próprias lavouras de São Paulo virem a dar 10 milhões de sacas assim que o tempo correr bem, e de se esperar que nos próximos três ou quatro anos venha ocorrer uma modificação completa da situação, deixando de haver escassês, para se entrar em períodos de super produção. A julgar por essa perspectiva, o aumento de preço de café, no momento, não se mostraria benéfico pois traria uma intensificação de plantio e faria com que as lavouras se adaptassem a esses novos níveis de preços, elevando os salários dos colonos e o preço das terras; isso significaria que nos próximos anos, quando houvesse produção abundante e os preços caíssem, as dificuldades de readaptação dos agricultores seriam muito maiores.

Outro argumento que se alinha no mesmo sentido é o que diz respeito aos reflexos que tal elevação irá ter sobre a produção dos países que competem com o Brasil no mercado internacional do produto. Não há dúvida que uma nova elevação dos preços contribuiria para estimular ainda mais o plantio de novas culturas. Sendo o café uma cultura permanente, que uma vez formada, continuará a ser explorada ainda que a preços baixos, o atual aumento de preços poderia refletir, no futuro, em dificuldades ainda mais serias a lavoura cafeeira do Brasil.

De outro lado, alinham-se também em favor dos que pleiteiam uma atitude energética do Governo em favor da elevação dos preços. O principal deles é o que diz respeito a posição estatística do café. Conforme o balanço dado nas pgs. 19 deste boletim, a situação é extremamente favorável, pois os estoques estão baixos e, se a exportação continuar em níveis idênticos aos dos últimos meses, ficaremos em junho praticamente sem café nos portos. A safra para o próximo ano de 1952/53, segundo previsão da D.E.C., será de ape-

nas 15.850.000 sacas, das quais 15.000.000 são exportáveis. Isso significa que durante os meses restantes de 1952 e os seis primeiros de 1953 não poderemos manter o nível de exportação que temos alcançado nos últimos anos.

Além disso, os demais países produtores também não possuem café em estoques, e, conforme quadro IV da pag. 22 deste boletim contarão eles com uma produção pequena para este ano.

Conclue-se pois, que haverá falta de café no mercado mundial, e, dêsse modo, nada seria mais natural do que se conseguir uma elevação de preços a níveis que equilibrem a oferta e a procura desse produto.

Os que defendem esse ponto de vista, trazem ainda outro argumento. Alegam que é certo que teremos em breve um excesso de produção, quer venha o presente aumento, quer não venha, pois os preços atuais já são suficientemente elevados para isso. E concluem afirmando que nesse caso seria melhor ^{que} viessem mais dois ou três anos de preços bem elevados.

São esses os principais argumentos que se antepõem na questão de elevação dos preços de café. São argumentos de caráter econômico. Propositamente não foram aí incluídos argumentos de ordem política, pois, para facilitar a discussão, estamos admitindo simplesmente como ponto pacífico, que os Estados Unidos concordarão em elevar os preços do café em seu território.

É difícil ponderar devidamente os valores dos argumentos aqui expostos e ajuizar sobre a questão da elevação dos preços.

Se consideramos o interesse financeiro imediato do País e da lavoura cafeeira, e, dêsse modo, damos maior importância à elevação da renda agrícola e da receita cambial, sentimos nos inclinados a apoiar as medidas em favor da elevação dos preços. Se por outro lado, consideramos os benefícios de uma economia estável, e, se ponderamos sobre os inconvenientes dos períodos de super produção e os do plantio de novas lavouras nos países competidores, sentimos-nos inclinados para uma política de não elevação como uma das medidas de uma série a ser tomada nesse sentido, pois, evidentemente, não seria apenas com uma só dessas medidas que se obteriam tais resultados.